

**Encontro Nacional de Profissionais de Sociologia**  
**Vendas Novas**  
**2006 – 3 de Março**

***O Estágio como ponte para o emprego***

*Emília Rodrigues Araújo*

Boa tarde a todos

Quero, em primeiro lugar, saudar esta iniciativa que, nos tempos que correm, é de suma importância, quer para os docentes envolvidos na formação superior em Sociologia, quer para os estudantes que escolhem este curso com o objectivo de, a partir dele, adquirirem competências profissionais.

O assunto abordado poderia ser problematizado de várias formas, utilizando-se diversos enquadramentos teóricos. No entanto, prefiro deter-me apenas sobre alguns pontos que se prendem, mais especificamente, com a experiência do estágio e com o entendimento deste como uma ponte para o emprego.

Dividi a intervenção em duas partes: uma primeira em que descrevo algumas das características principais do estágio (analisadas pelos alunos e pelas entidades empregadoras) e outra, final, em que faço alguns comentários ao formato que o estágio poderá tomar no futuro, após as alterações propostas por Bolonha serem introduzidas.

Nesta breve exposição uso informação que provém de várias fontes, sobretudo da experiência pessoal como uma das docentes responsáveis pelo estabelecimento de contactos com entidades que facultam estágios, no âmbito do trabalho da comissão de estágios do curso de sociologia da Universidade do Minho. Tenho ainda em conta os resultados de um questionário aplicado este ano, aos alunos estagiários e às entidades onde estes estagiariam e que está inserido num projecto inicialmente submetido à Reitoria da Universidade do Minho por mim e pela minha colega de departamento, Ana Brandão, mas até ao momento sem financiamento. Pontualmente, faço uso de informação que deriva de um questionário realizado pela Direcção de Curso de Sociologia aos licenciados em Sociologia pela Universidade do Minho.<sup>1</sup>

1.

***Experiência do estágio***

Ao longo de vários anos, os estagiários sofreram, de facto, do desconhecimento generalizado sobre as potencialidades do trabalho em

---

<sup>1</sup> Veiga, Carlos (2005) *Relatório do ano lectivo 2004/2005*. Universidade do Minho: Departamento de Sociologia, pp. 8-9

sociologia no seio das organizações. Hoje, cada vez mais, os estágios são propostos pelas instituições no quadro de projectos bastante bem definidos pelas mesmas.

Por um lado, esta mudança é extremamente favorável à Sociologia, pois em vez da incerteza completa sobre o que se pode fazer numa instituição de estágio, os alunos são confrontados com pedidos orientados para o alcance de objectivos claros. Destaco, muito em particular, os pedidos crescentes para a realização de trabalhos de investigação e de diagnóstico em temáticas diversas como a formação profissional, a avaliação da qualidade, a violência doméstica, o insucesso escolar, entre outros. Na maioria destes casos, é solicitado aos alunos que elaborem guiões de entrevistas, criem grelhas de observação, redijam, testem e apliquem questionários. Mas, também lhes é solicitado que sistematizem a informação, realizem análise de conteúdo, trabalhem com programas estatísticos de análise de dados e construção bases de dados, muito particularmente usando o SPSS e o Access.

Todas as competências solicitadas são de âmbito estrito da sociologia e revelam que as qualidades metodológicas, que abrangem a dimensão epistemológica, mas implicam, muito afinadamente, as formas de operacionalizar conceitos e de manusear volumes alargados de informação), estão a entrar nos quadros de representação das organizações, embora tal se faça com a participação muito activa dos licenciados em Sociologia, e outros já mestrados, que, entretanto, ao se inserirem no mercado de trabalho e ao ficar com ligações às universidades, vão sendo agentes de mudança das representações, ajudando a formar uma imagem mais clara sobre aquilo que se pode fazer numa instituição.

Contudo, estas mudanças implicam alguns pontos críticos. Por um lado, acabam por apanhar os mais desprevenidos e, em alguns casos pretensiosos (alunos e docentes) que, mantendo uma atitude distanciada em relação aos mundos concretos, inviabilizam uma resposta adequada às solicitações e às expectativas. Por outro lado, acabam por mostrar duas realidades: i) que nem sempre os estudantes adquirem (por aspiração sua e por responsabilidade dos próprios cursos e corpo docente) a formação adequada para responder às exigências tipicamente sociológicas; ii) que se recebe da parte das instituições, por paradoxal que pareça, onde estão licenciados em sociologia e em ciências sociais, um leque de solicitações cujo desempenho não é compatível, nem com o facto de se tratar de um estágio não remunerado, nem com o facto de ser um período que se pretende seja mais dedicado à aprendizagem e menos à apresentação de uma prova de conhecimentos acumulados que, em certas alturas, abarca as competências verbais e relacionais.

Estas duas realidades estão interligadas e suportam-se uma outra: de um lado a representação e a assunção da fragilidade da aprendizagem ao nível do *saber-fazer* e do *saber-estar* e de outro as exigências realizadas pelas próprias organizações que, não raras vezes, vêm no estágio uma possibilidade de realizarem tarefas sem custos beneficiando também de actividade de consultoria por parte da universidade, na pessoa dos orientadores dos estagiários. Num terceiro lado, o da universidade, estão as já tradicionalmente apontadas dificuldades quanto à gestão da carga de trabalho administrativo e burocrático acrescido pela existência de estágios que se vem

juntar aos dilemas em decidir até que ponto um certo conteúdo contribui, ou não, para a concretização da prática sociológica.

Embora o assunto seja mais complexo, porque implica as próprias expectativas dos alunos face ao curso de sociologia, assim como a sua identificação com aquele, quer seja ao longo do curso, quer seja, depois, no estágio, podemos assumir que existem vários tipos de aluno: um tipo responsável, que avalia o seu percurso e sucesso durante o estágio, relacionando-o com a sua postura ao longo do curso, em termos de aprendizagem teoria, metodológica e prática e um tipo de aluno que, chegado ao estágio e confrontado com certas exigências, não reflecte sobre a sua postura durante o próprio curso e acaba por atribuir responsabilidades ao corpo docente, sobretudo criticando a ausência de “prática”. Há ainda outro tipo de aluno que, não tendo desenvolvido uma postura pró -activa durante o curso, e não sendo espacialmente diligente em relação ao estágio, sobrevive mercê da rede de concedimentos sociais que tem.

Também em relação às orientações de estágio, existem vários tipos de docente situados num contínuo entre um tipo desinteressado que intervém sobretudo na fase de avaliação do relatório, não tendo participado das decisões ou do acompanhamento durante o estágio; e um tipo rigidamente interessado que participa desde a definição do tema, até à fase final acompanhando, de forma apertada, o trabalho desenvolvido pelo estagiário na instituição, contactando diversas vezes, pessoal ou telefonicamente os orientadores nos locais de estágio.

O cruzamento entre os tipos de aluno e os tipos de orientação, permite-nos concluir que o estágio só funciona, de facto, como um estado probatório relativamente a uma futura inserção, desde de que a universidade continue a supervisionar o trabalho desenvolvido (e, neste caso, o ideal, é existir um seminário dedicado à orientação e não a dispersão de alunos por vários docentes), acompanhando o aluno em todas as fases de “inserção”.

Como disse antes, pelo facto de serem exigidas cada vez mais competências técnicas, que abrangem a redacção de cartas, o uso dos programas informáticos diversos, a tradução de textos e o manuseio do correio electrónico, assim como a pesquisa na *Internet*, os alunos tendem a mostrar, por um lado, dificuldade na proposição de projectos e de temas de trabalho com interesse para a instituição e, por outro lado, dificuldade na articulação entre o que aprendeu em termos de formação e a aplicação prática.

Falando no papel dos professores orientadores na universidade e nos locais de trabalho, a quem cabe a principal tarefa de gerir a integração do estudante, é importante entender o estágio como um período de elevada ansiedade registada, muito particularmente, nos casos em que os alunos não se prepararam para o estágio durante o curso descurando a participação em trabalhos práticos, a apresentação pública de trabalhos, assim como a dedicação a cadeiras fundamentais, entre as quais se contam as teorias sociológicas, a estatística e as metodologias de investigação social.

Normalmente o estágio decorre na organização acolhedora mas, independentemente de as relações com os orientadores serem positivas e estreitas, o estágio representa um novo mundo para o estagiário que com a mesma intensidade, se sente integrado e capaz de confiar as suas ideias e as suas dúvidas, e se sente à margem do normal processo de trabalho, não

reconhecido e desconfiado. É que, apesar de toda a simpatia que possa existir, o estagiário sente-se frequentemente isolado, sendo os próprios a proporem a realização de avaliações intermédias dos estágios, a fim de serem definidas metas mais curtas que ajudem à organização do tempo.

Todavia, da parte dos alunos e das próprias entidades acolhedoras, o estágio é considerado essencial, sendo concebido como muito útil para a formação e para o estabelecimento de uma rede de contactos, a qual pode vir a ser, eventualmente, favorável na procura de emprego. Além disso, é considerado como um meio de aplicação de conhecimentos adquiridos, sobretudo na área das teorias e das metodologias sociológicas.

O estágio é, efectivamente, uma ponte para o emprego, pelo menos, no estado em que estamos, uma ponte para aquisição de contratos de trabalho em áreas especialmente relacionadas com a Sociologia. Apesar de, na sua maior parte, os estagiários do Curso de Sociologia da UM não ficarem imediatamente nos locais onde realizam estágio, há uma tendência para virem a encontrar emprego, ou em programas relacionados com estas instituições, ou em instituições afins, rentabilizando o trabalho de estágio realizado, não obstante este ser, por vezes, considerado negativo, em termos pessoais.

Os dados recolhidos pela Direcção de Curso num dos últimos questionários revelam que as principais entidades empregadoras dos licenciados em Sociologia são as Câmaras Municipais, através de vários projectos, as actividades bancárias e organizações de solidariedade social (Veiga, 2005:8), o que atesta a forte implementação da sociologia nas áreas de políticas sociais e desenvolvimento. Apesar de tudo, as organizações, principalmente as empresas, muito em particular ao nível da gestão de recursos humanos e áreas afins, continuam pouco receptivas à entrada de sociólogos.

2.

### ***Formato e desafios***

As considerações realizadas pelos alunos, poderiam ser estudadas sob vários ângulos de análise, inclusive a preparação e a identificação com o curso.

É inegável que, termos de políticas sociais e programas de desenvolvimento social, a Sociologia ganhou um reconhecimento elevado nos últimos anos, beneficiando-se, em primeira-mão, em termos de empregabilidade.

Contudo, como disse há pouco, além de a sociologia ainda não ter sido reconhecida nas organizações, também sofre a concorrência de áreas como o serviço social e outras que mais facilmente tem entrado no vocabulário dos profissionais, muito especialmente no sector público. Um caso paradigmático é o que acontece recentemente com o recrutamento para as Comissões de Protecção de Menores. Estas, beneficiando do trabalho dos estagiários e do apoio e orientação dos professores, acabaram por não considerar a sociologia na altura da abertura de vagas para os seus quadros (veja-se a publicação do anúncio em).

Este é, de resto, o maior risco dos estágios: servirem para garantir o desempenho de funções e, por vezes, beneficiar a carreira de quem está a

trabalhar sem providenciar nenhuma contrapartida para o próprio aluno (o trabalho na elaboração de projectos e na sua execução—por exemplo através do preenchimento de questionários e realização de entrevistas e inserção de dados).

É certo que o estágio comporta sempre um lado de alguma exploração e um lado de aprendizagem e os alunos tem garantido que a segunda é sempre superior à primeira. Todavia, carece a universidade de estar atenta ao que se passa nas organizações acolhedoras do estágio, de forma a observar quais os reais interesses que se têm relativamente aos estágios. A inexistência de meios por parte das universidades e a excessiva carga adicional de trabalho que os estágios implicam podem, no entanto, colocar em causa semelhante projecto, ainda que este seja um dos baluartes de Bolonha e irá figurar como critério na avaliação (e, portanto, na sobrevivência) de cursos de Sociologia no Ensino superior Público.

É nesta perspectiva que reuniões como esta, de encontro de profissionais de sociologia são importantes, quer como forma de diagnóstico da situação actual, quer como forma de pensar a acção conjunta dos sociólogos no campo profissional e no mercado de trabalho.